

## COSMOPOÉTICA DO REFÚGIO: A RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CAPITALISMO MUNDIAL INTEGRADO

Cosmopoetics of the refuge: resistance in times of integrated world capitalism

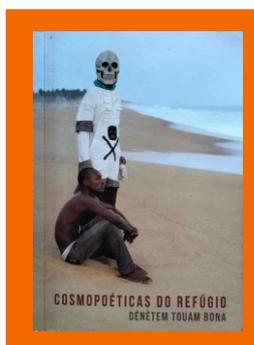
**Marcos Catelli Rocha** 

Doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil

E-mail: [marcos.catelli@gmail.com](mailto:marcos.catelli@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-6414-7747> 

A lista completa com informações do autor está no final do texto 



BONA, Dénèten Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Tradutora Milena P. Duchidade – Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2020, 80 p.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciência política: Filosofia. Resistência. Sociedade de controle.

**KEYWORDS:** Political Science: Philosophy. Resistance. Control society.

Cosmopoéticas do refúgio é o título enigmático e inspirador do livro escrito pelo antropólogo franco-centro-africano Dénètem Touam Bona e lançado no Brasil em 2020 pela editora Cultura e Barbárie. Representa a evolução e sintonia na linha de pensamento do autor, que se dedica a pesquisar a resistência de populações historicamente subalternizadas (*marronagem*), projetando uma possibilidade visionária para pensar o mundo contemporâneo numa perspectiva decolonial e transdisciplinar. Como escritor, além deste livro que reúne diversos ensaios do autor, publicou outras três obras: *Fugitif, où cours-tu?* (2016); *Sagesse des lianes, Cosmopoétique du refuge* (2021) e *Fugitive, Where Are You Running?* (2023). Bona também colabora regularmente em diversos projetos criativos, principalmente como dramaturgo<sup>1</sup>.

O livro está organizado em 5 partes, iniciando com o *Prelúdio*, uma forma de introduzir o tema frente aos desafios atuais. Na segunda parte, que recebe o nome do livro, o autor apresenta em 10 tópicos o que seriam as bases da *Cosmopoética do Refúgio*, intercalando momentos de poesia com história, antropologia, música, sociologia, ritmo, filosofia e aspectos dos cultos afrodiaspóricos que favorecem a marronagem. A terceira parte do livro apresenta o conto *Heroic Land – Espectrografia da fronteira*, que é um misto de ficção com realidade onde o autor problematiza o asilo/refúgio de africanos na Europa, na atual sociedade de controle. Na quarta parte, Bona apresenta o *Endossar a sombra estriada das folhagens*, em que discute a visão da floresta tanto na perspectiva colonial e ao mesmo tempo como refúgio, “espaço de camuflagem e reconstrução de si” (p.80). Na quinta parte, o desfecho da obra acontece com o *Pósludio*, uma espécie de metáfora poética sobre uma criança e sua sombra, renascendo das feridas de um mundo devastado.

Bona discute aspectos críticos relacionados à história do colonialismo, da escravidão e à marca deletéria do racismo, mas também aborda as resistências e as possibilidades de refúgio. A obra destaca a noção de marronagem como elemento central da resistência afrodiaspórica, que ocorre por mais de quatro séculos desde a África, se espalhando por territórios colonizados. A partir da marronagem, Bona articula o legado desses povos como diferencial frente ao processo de luta que vivenciam essas populações, além de uma potencial matriz para construção de uma *cosmopoética do refúgio* em face ao cenário desafiador para a manutenção da vida no nosso planeta.

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: <https://www.buala.org/pt/da-fala/fuga-e-refugio-denetem-touam-bona>, acesso em 17 maio 2023.

Na primeira parte, Bona se utiliza da poesia do poeta kongo Sony Labou Tansi, dentre outras referências que situam a obra diante os desafios da crise civilizatória global, sintetizados pelos conceitos de Antropoceno ou, mais especificamente, Capitaloceno, os quais legitimam a urgência de uma cosmopoética do refúgio, um novo enfoque epistemológico que busque reverter o processo de “perda global de sentido” (BONA, 2020, p.5). De forma a problematizar os atuais sistemas industriais de monocultura e de criação de animais, as *plantations* são utilizadas para refletir sobre a contribuição destas, tanto para a simplificação radical e instabilidade crescente dos ecossistemas, quanto para a proliferação de epidemias, com destaque para a pandemia de Covid-19.

No intuito de reabrir o horizonte criativo e de imaginação das estratégias de mundos por vir, Bona recorre à arte como um poderoso processo de produção de subjetividades, contribuindo para alargar a noção de Cosmo+poética. E aponta para a necessidade de restaurar as potências do sonho e da poesia, sendo a cosmopoética a forma primeira da ecologia, “uma ecologia dos sentidos e da imagine-ação pela qual pajés, mães de santo, bruxas e outros mestres do invisível estabelecem um diálogo obscuro, tecido de metáforas, com o conjunto de tudo que vibra” (BONA, 2020, p. 10,11).

Na segunda parte, o autor enfatiza e valoriza as diversidades de cosmologias afrodescendentes, indígenas e de outras sociedades autóctones que dialogam com a “*marronage*” na produção das cosmopoéticas do refúgio. Ecoando, nesse sentido, o xamã e liderança do povo Yanomami, Davi Kopenawa, que reflete que “Para a maioria das comunidades tradicionais do sul, a ecologia não representa um saber teórico, um discurso separado dos demais aspectos da vida” (BONA, 2020, p.25). O que permite pensar além do binômio sociedade x natureza, numa perspectiva multiespécies (HARAWAY, 2016) e reforçando a reflexão crítica sobre a *plantation* (TSING, 2019) e o Antropoceno na leitura das autoras. Numa perspectiva de diálogo de saberes, Bona (2020, p. 24) discute o vodu constituindo uma ecologia política, “pois o vodu instaura uma relação de aliança entre as comunidades que lavram a terra e o ambiente de vida de que têm o dever de cuidar, pelo diálogo com as plantas e com os elementos”.

As *plantations* também são mobilizadas para trazer à memória o sistema escravocrata junto às diversas formas de resistência impetradas pelos escravos (*marronage*) contra esse sistema, tais como os quilombos no Brasil e os palanqueros na América hispânica. O universo de representações dessas populações é enriquecido com a perspectiva da memória, da ancestralidade, da espiritualidade e do ritmo que esses coletivos lograram (re)significar e os quais constituem uma cosmovisão afrodiaspórica. Para

Bona, a marronagem pode ser entendida como os processos envolvendo a fuga de escravos - não no sentido literal, mas como um processo de aglutinação de forças e (re)criação de mundos, que alimentam as lutas atuais por meio das práticas culturais (capoeira, músicas, danças, cultos afro-diaspóricos), entre outras manifestações dessas cosmovisões que subvertem a ordem dominante. O autor traz a marronagem como parte da produção de um “fora da sociedade escravagista”, além de importante componente do processo de reinvenção da resistência. Devido à escalada do quadro de tensões em escala planetária, Bona chama a atenção para a perda da própria possibilidade do refúgio, pois, segundo ele (2020, p.48):

Nesses tempos sombrios em que proliferam os dispositivos de controle, as resistências devem ser furtivas, mais do que frontais. Atacar em terreno aberto é se oferecer como carne de canhão aos múltiplos poderes que tendem a nos sujeitar, expor-se a ser capturado, desacreditado, criminalizado.

Na terceira parte do livro, Bona apresenta um diálogo filosófico ou “conto de antecipação”, que se passa no ano de 2025 na fronteira da Selva de Calais<sup>2</sup>, entre um homem sentado (atravessador) e um homem que corre (candidato a atravessar). O autor traz uma contundente reflexão sobre os dilemas que envolvem essas populações que tiveram seus territórios e suas vidas historicamente violentados e explorados pelo “Velho Mundo” e são proibidos de participar da bonança da modernidade ocidental, que historicamente ajudam a construir. O diálogo retrata as dificuldades de vida e do refúgio na sociedade de controle e suas nuvens de algoritmos, sobretudo para aqueles(as) que foram eleitos como mão-de-obra barata ou como indesejáveis para o projeto colonial e hegemônico da sociedade des-humanizada.

Na quarta seção do livro, o autor retoma o papel das *plantations* na “grande narrativa da civilização”, a qual enaltece os conquistadores das florestas virgens, termo que evoca a imagem bíblica do Jardim do Éden. O que remete a uma visão de uma natureza inocente e pronta para ser explorada, negando a humanidade dos povos originários que historicamente conviveram com a floresta. Essa mesma “missão civilizatória” tem atuado na devastação da Amazônia, se utilizando do codinome “desenvolvimento”. Bona discute como essa agenda foi facilitada nos últimos 4 anos no Brasil, pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. O qual, seguindo a cartilha neocolonial, subverteu a constituição do país ao atacar (dentre outros) os direitos dos povos indígenas, tratando-os como incapazes de

---

<sup>2</sup> Acampamento de migrantes e refugiados que buscavam chegar na Grã-Bretanha, foi criado a partir do ano 2000 e chegou a reunir quase dez mil pessoas, mas foi desmantelado em 2016.

gerenciar suas terras e abrindo possibilidades para os colonizadores explorarem seus territórios.

Na quinta parte, Bona apresenta um possível recomeço, talvez projetando de forma poética as ruínas do mundo como conhecemos, ou dos pilares erigidos pela modernidade que sustentam o projeto colonial. O autor apresenta uma metáfora de interação entre a Sombra e a Criança, a qual pode simbolizar o processo de orientação que a marronagem historicamente imprime nos cidadãos subalternizados e que pode contribuir para o renascimento de outras realidades nas ruínas, alimentando o *continuum* das resistências.

De forma geral, o autor discute de maneira coerente, poética e muito bem articulada. Utiliza elementos históricos e contemporâneos a partir de diferentes epistemologias no campo da filosofia, da antropologia e das diferentes ontologias e perspectivas sobre estar no mundo. O quadro de crise sistêmica conclama a “humanidade” a agir e valorizar as formas de conhecimento historicamente subalternizadas. E que a espécie humana tenha tempo e criatividade para re-encantar o mundo! Ou, como ocorre “nas lutas contemporâneas de alguns coletivos haitianos que buscam *rearmar a natureza pelo seu re-encantamento*” (BONA, 2020, p.26). Por enquanto, as cosmopoéticas do refúgio seguem contribuindo para dar força a esse movimento.

## REFERÊNCIAS

Haraway, Dona. **Tentacular Thinking: Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene**. 2016. Disponível em: [https://law.unimelb.edu.au/data/assets/pdf\\_file/0004/3118261/11-Haraway,-Donna,-Tentacular-Thinking.pdf](https://law.unimelb.edu.au/data/assets/pdf_file/0004/3118261/11-Haraway,-Donna,-Tentacular-Thinking.pdf). Acessado em 13 nov. 2020.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. 284 p.

## Notas

### Marcos Catelli Rocha

Doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Doutorado - Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil  
E-mail: [marcos.catelli@gmail.com](mailto:marcos.catelli@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-6414-7747>

### Endereço de correspondência do autor

Campus Universitário – Trindade (UFSC), Anexo do Bloco E do CFH, 2º andar - CEP 88.040-900, Florianópolis-SC, Brasil.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço ao querido professor Luiz Fernando Scheibe pela indicação do livro para elaboração desta resenha. Agradeço também à Tatiana Catelli Rocha pela revisão do texto.



## **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

Não se aplica.

## **CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DO MANUSCRITO: M. C. ROCHA**

## **CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA**

Não se aplica.

## **FINANCIAMENTO**

Bolsista de doutorado CAPES-DS.

## **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

## **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica.

## **LICENÇA DE USO**

Os autores cedem à **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORES**

Javier Ignacio Vernal e Silmara Cimbalista

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 09-11-2022 – Aprovado em: 26-05-2023 – Publicado em: 31-05-2023

